

## editorial

# Descrições, distinções e decisões



> António Fidalgo

Já há muito que Portugal se debate com as causas do seu atraso. Antero de Quental, na primeira conferência do Casino, em 1871, analisava os fenómenos morais, políticos e económicos em que enraizava a decadência dos povos peninsulares. O pessimismo da sua geração sobre o estado do país persiste hoje. Como então continuamos na cauda da Europa e as expectativas de invertermos a situação são desanimadoras.

Fugindo ao fatalismo de que é fado sermos assim e não há nada a fazer, e evitando simultaneamente voluntarismos inconsistentes de resolver em meia dúzia de anos um problema secular, resta-nos o percurso simples e longo de ver precisamente em que consiste o nosso atraso, de não comparar o que é diferente, e de tomar as decisões adequadas. Ou seja, importa proceder a descrições, distinções e decisões.

Descrever é a primeira forma de conhecer. Antes de explicar o que quer que seja, e muito antes de apontar metas e soluções, há que conhecê-lo. Para descrever é preciso saber ver. Podem todos olhar para uma mesma coisa, mas cada um verá melhor ou pior, conforme a sua faculdade de ver. Não é um problema de oculista, mas um problema de preparação e de capacitação. Sim, aprende-se também a ver. Dois médicos podem ver o mesmo doente, mas um bom médico verá muito mais que um mau médico; aquele vê o que este não vê. Uma descrição de Portugal e do seu atraso exige tempo, preparação e estudo. Só assim teremos os pés assentes na terra e não se corre o risco de ignorar problemas reais e de dar soluções a problemas inexistentes.

Vê-se muitas vezes apenas o que se quer ou o que os preconceitos deixam ver. As descrições são uma forma adequada de testar a visão que se tem das coisas. Só mediante a descrição é que se toma conhecimento da forma como os outros vêem o que nós vemos e podemos corrigir mutuamente a nossa visão e a deles. Nada, mas nada, pode substituir o trabalho da descrição.

Depois há que distinguir. As generalizações habituais de que os políticos são maus, de que os portugueses se contentam com pouco, são tão fáceis e rápidas quanto curtas e erradas. Fazer distinções é sinal de que se vê melhor, com mais pormenor. É certamente também um sinal de inteligência. Fazer ressalvas, colocar um "mas" à frente de uma afirmação, é descrever com mais detalhe coisas e estados de coisas. Em Portugal nem todos os políticos são maus, nem todos os portugueses se contentam com pouco, nem todas as escolas são más. Mesmo quando se fala de um sistema, seja ele político ou educacional, por exemplo, há que distinguir. Dizer que a culpa é do sistema é miopia ou preguiça de análise. Um sistema tem partes e é distinguindo-as que se encontram os defeitos e as virtualidades do sistema como do que quer que seja.

Reconhecer o atraso de Portugal relativamente aos outros países europeus não significa que tudo em Portugal é mais atrasado, do jeito "é tudo um atraso de vida" ou "só em Portugal". Posições generalistas desse tipo são derrotistas. Só se pode melhorar fazendo distinções, pois que melhorar implica corrigir ou modificar o mesmo e não substituir por outro. E mesmo nos sectores considerados tão bons como os melhores europeus há que distinguir os que são melhores e piores, como nos sectores manifestamente mais atrasados há certamente elementos positivos a destacar. A cultura de avaliação que se tenta inculcar em Portugal assenta na capacidade de distinguir. Avaliar é distinguir mediante uma escala de valores.

Por fim, cabe tomar decisões. Arrastar um problema, adiar uma solução, é certamente mais fácil que decidir. Na decisão há sempre um corte, uma ruptura entre o antes e o depois, uma opção entre possíveis escolhas. É por não ser fácil decidir que há quem evite decidir ou deseje que outros decidam por ele. Decidir é também assumir responsabilidades pela opção tomada, carregar com o fardo de ter decidido assim e não de outra maneira. O atraso pode advir da falta de decisões a tempo. Em certas circunstâncias mais vale uma decisão menos boa a tempo do que uma boa já fora de tempo.

Em Portugal, em certos sectores, nomeadamente na parte administrativa do Estado, faz falta uma cultura de decisão. Limitar-se a cumprir ordens, evitar a todo o custo tomar decisões que o comprometam, é altamente paralisante da actividade pública.

As universidades na dupla vertente de instituições de estudo (descrição e distinção) e de formação das elites nacionais (a quem compete tomar as principais decisões) têm um papel fundamental num país que quer recuperar do atraso em que se encontra há séculos. Maior vergonha do que o atraso é nada fazer para o ultrapassar.

## Despertar para a ciência

"A medicina na era pós-genómica" foi o primeiro de três encontros agendados para a UBI. Dia 12 de Janeiro, Carmo Fonseca, da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa veio à Covilhã falar sobre esta especialidade médica.

A UBI em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian e com a Fundação para a Ciência e Tecnologia realiza um conjunto de palestras e conferências subordinadas ao tema "Despertar para a Ciência". Este ciclo de coloquios apresenta-se como "uma necessidade científica". Nas palavras de João Carança, director do serviço de ciência da Fundação Calouste Gulbenkian, "a ciência suscita uma interacção permanente entre a teoria e a experimentação, só vive porque se dá a conhecer".

Daí que as três entidades tenham dado continuidade a um projecto

que já vinha de 2004. Para além da conferência que decorreu a 12 de Janeiro estão também marcados mais dois eventos. A 9 de Março, uma palestra intitulada "Uma viagem ao mundo dos robots", por Isabel Ribeiro, do Instituto de Sistemas e Robótica da Universidade Técnica de Lisboa, esta no anfiteatro 8.1, e a 6 de Abril é a vez de Mário Barbosa, do Instituto de Engenharia Biomédica da Universidade do Porto falar sobre "Reparar, substituir, regenerar e algumas gotas de elixir da juventude", no anfiteatro 6.1.

Para os organizadores deste ciclo, o propósito essencial vai no sentido de "incutir nos mais novos o prazer de descobrir, o gosto de aprender, o gozo de imaginar". Daí que as actividades realizadas no âmbito desta iniciativa estejam abertas a toda a comunidade estudantil.

## Automóvel versus Avião

O principal objectivo da conferência organizada pelo Departamento de Electromecânica foi atrair os alunos para a actuação das forças no caso dos aviões e dos carros e qual o seu significado no que respeita à optimização da utilização. Realizada dia 24 de Novembro teve como orador Ivan Camelier, docente e presidente do Departamento de Ciências Aeroespaciais, que começou por fazer uma analogia entre aviões e carros antigos.

A performance tem três parâmetros essenciais, a força, a potência, e finalmente o combustível por quilómetro, que é um dos padrões a ter em conta. "Hoje em dia, é muito importante tentar minimizar os gastos de combustível, principalmente agora, com a subida muito acentuada dos preços destes" refere Camelier. Após esta breve enumeração, foram diferenciados cada um destes parâmetros no veículo terrestre e no aéreo. As diferenças mais relevantes relativamente à força é que o avião utiliza apenas duas forças

e o automóvel recorre a três por que circula no solo. Tendo em conta a potência, é de salientar que a potência do motor das aeronaves é constante, já a do carro varia devido à condicionante de "marcha" (caixa de velocidades).

Tendo em conta o consumo de combustível, num avião este é quase paralelo à velocidade, tem uma tração constante, enquanto no automóvel tem que se ter em conta o andamento deste, isto porque podemos ir a 80 quilómetros por hora com a quarta velocidade engrenada e gastar cinco litros e meio de combustível, e viajar a mesma velocidade mas em quinta velocidade e já gastar cinco litros. No caso dos motores a jacto quanto maior for a altitude maior pode ser a velocidade e menor é o consumo.

A título conclusivo, Ivan Camelier mencionou que "para um melhor desempenho é necessário um projecto técnico eficiente, para baixar os custos de operação e uma utilização optimizada para diminuir os custos de capital".

## Viagem ao meu cérebro

O espectáculo, inserido no Art'UBI, teve lugar no dia 26 de Novembro, na Sala de Ensaios da Associação Académica da UBI (AAUBI). Depois da porta se fechar, a intensidade das luzes diminui e o silêncio é quebrado por um batimento quase cardíaco que marca os passos de Ana de Castro. Num pano branco eram projectadas imagens de alguém que também executava movimentos técnicos semelhantes aos da artista e que significavam "o aspecto real de seres que habitam a nossa cabeça", diz Ana de Castro. Para ela o espectáculo "não tenta exprimir algo em concreto. É uma apreciação do que se pode passar no cérebro humano

em comum. Trata-se de uma percepção de como o ser humano reage com a sua vida quotidiana". A artista diz ainda que "é um espectáculo para ser apreciado, causar reacção no público e não deixar que ele se instale." A protagonista, que adquiriu formação no Ballet Teatro do Porto e na Escola Superior de Dança em Lisboa, vive nesta arte desde os 16 anos. Quando faz este tipo de espectáculos, não pretende que lhe digam "que entenderam ou não aquilo que foi interpretado por ela", prefere que lhe digam "se gostaram ou não. Pois o espectáculo é de apreciação individual e de interpretações muito pessoais".

## breves

### Margens do humano

Manuela Braga, investigadora do Instituto de Estudos Médicos da Universidade Nova de Lisboa, abordou temas de arte relacionados com a ciência, as gravuras, o fantástico e a dissolução dos contornos do humano.

A investigadora falou das naturezas do corpo e das criaturas e das suas margens que podem remeter para uma monstruosidade; revelando que todas as deformações que os seres monstruosos apresentam têm uma finalidade, tornando-se assim seres fantásticos. Segundo Manuela Braga "apesar da natureza exorbitante e nos mostrar o espelho que nós não somos por um lado, por outro ela mostra-nos, igualmente, marcas de prodígio e sucesso".

Esta foi a primeira investigação realizada em Portugal sobre este tema e foi trazida à UBI sob a organização Jorge Bacelar, docente na instituição.

A investigação foi dividida e apresentada em duas palestras, decorrendo dias 6 e 7 de Dezembro respectivamente.

As sessões foram organizadas no âmbito das cadeiras de História de Arte e Design com o objectivo fundamental de as complementar, embora estivessem abertas a todos os alunos e docentes das licenciaturas do Departamento de Comunicação e Artes.

### Jantar de Natal reúne ubianos

Como já é tradição na quadra natalícia, docentes, funcionários e amigos da UBI uniram-se para comemorar o Natal. A iniciativa foi organizada pela Casa do Pessoal da UBI.

Cerca de 200 pessoas participaram no dia 20 de Dezembro no tradicional jantar de Natal da comunidade ubiana, que teve lugar no edifício das engenharias. O convívio entre os trabalhadores da instituição é o principal objectivo da iniciativa que se realiza há vários anos.

O Bacalhau à Braz foi o prato principal da ementa, onde não faltou também o Bolo Rei, as Filhós e as Rabanadas tão características desta época do ano.

No final foi feita a entrega de prendas às crianças presentes que tiveram oportunidade de acompanhar os pais à iniciativa. Um momento marcado pela alegria e boa disposição. Manuel José dos Santos Silva, reitor da UBI, transmitiu uma mensagem de Boas Festas desejando a todos os presentes um Feliz Natal e um próspero ano de 2005.